

## O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO NOVAS METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Fernanda Mariano de Lima <sup>1</sup>

Orientador (a): Josandra Araújo Barreto de Mélo <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento que parte do contato aluno-professor se torna imprescindível frente à uma Geografia que se faz necessariamente nova para manter-se atual e viva. Diante disso as instituições de ensino superior junto aos cursos de licenciaturas oferecem programas de incentivo de aperfeiçoamento, como é o caso do denominado “residência pedagógica”, que se trata de um programa governamental de iniciação à docência, objetivando aperfeiçoamento na formação dos professores. Assim os alunos atuam como professores titulares de turmas da educação básica, sob supervisão do coordenador do programa e do professor regente da turma.

Uns dos principais focos do programa é atuar em escolas com desempenho abaixo do esperado, por diversos motivos (infraestrutura, falta de material de apoio, turmas superlotadas ou evasão escolar etc). Ao aluno residente selecionado é incentivado a desenvolver projetos pedagógicos durante o período de um ano na sua área de atuação.

Diante disso, na escola municipal de ensino fundamental Judith Barbosa de Paula Rêgo, localizada no município de Queimadas/PB, desenvolveu-se nas turmas do sétimo ano do ensino fundamental II, o projeto intitulado “Aplicação de Novas Metodologias como instrumento para a construção do conhecimento na Educação Básica”, que partia do pressuposto que os alunos estavam “desanimados” com a disciplina.

Objetivou-se na utilização e os jogos educativos como ferramenta no ensino aprendizagem da Geografia. Afim de atender esses objetivos foram aplicadas atividades inovadoras como jogos e trabalhos em equipe para assim ser desenvolvida uma sondagem qualitativa que identifique o desempenho da aprendizagem.

A visibilidade desse projeto permeia a construção do conhecimento entre os alunos, professores regentes e instituições de ensino superior, caracterizando o seguimento de extensão de serviços prestados a comunidade.

### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa partiu da análise da construção do conhecimento com alunos de turmas do sétimo ano da escola municipal de ensino fundamental Judith Barbosa de Paula Rêgo, que apresentaram baixo rendimento escolar na disciplina de Geografia, a partir de questionários diagnósticos, aulas expositivas e dialogadas, aplicação de novas metodologias de ensino aprendizagem e por fim sondagem final de aprendizagem a fim de analisar o benefício de alternativas no processo ensino aprendizagem na educação básica. Para isso, o método utilizado foi o dialético, Becker afirma que:

O método, enquanto uma esfera, uma determinação filosófica, é uma visão de mundo. Ele é a própria liberdade, ou seja, a escolha na forma de receber e revelar-se

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [fer.pro.geo@mail.com](mailto:fer.pro.geo@mail.com);

<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [ajosandra@yahoo.com](mailto:ajosandra@yahoo.com);

no mundo. Entretanto, há uma outra determinação no método, uma esfera científica/acadêmica, que define o método a partir de determinadas categorias de análise, as quais vão produzir um sistema de conceitos, organizados segundo uma determinada lógica (objetivação do conhecimento e busca da verdade). É essa determinação do método que não se pode perder de vista para não correr o risco de encaminhar apenas uma leitura empirista da realidade (BECKER, 2005, p.52)

Este método é utilizado quando se necessita que o processo da pesquisa parta do conhecimento crítico, como é o caso da Geografia crítica, exigindo do pesquisador e do objeto de estudo (alunos da educação básica) a análise crítica das situações e desenvolver o raciocínio crítico, lógico e fundamentado. A Geografia Crítica e dialética assenta-se no confronto de ideias, reconhecer que o pensamento elaborado, uma vez estabelecido, vai ser confrontado com um novo pensamento, criando assim uma tensão entre os dois modos de pensamento. A tensão entre afirmação e negação leva, necessariamente, a uma nova posição, superior às duas, mas que contém suas ideias confrontadas, chegando-se à negação da negação (BECKER, 2005, p.52)

## DESENVOLVIMENTO

Os conceitos funcionam como as peças fundamentais para elaborar o “trabalho geográfico”. Para ser mais específico os mesmos são a base do estudo e da análise geográfica, é justamente a partir deles que se inicia a geografia, no qual sem os mesmos o estudo deixaria de ser caracterizar como ciência geográfica. Souza explica melhor quando afirma que:

Se os conceitos são as nossas “ferramentas”, precisamos, para o complexo trabalho da pesquisa sócio – espacial, nos valer de toda a nossa “caixa de ferramentas” (e, não raro, criar ferramentas novas, de tempos em tempos, mas com sobriedade e de acordo com reais necessidades); não faz sentido se fixar em uma única. Exagerar o papel de uma “ferramenta” conceitual seria como ignorar o martelo e o serrote e achar que, com uma chave inglesa, possa martelar (o que, efetivamente, não dá). (SOUZA. 2018, p 11.)

Ou seja é uma prática em grupo no qual um precisa e se deriva-se do outro, fazendo com que a individualidade acabe afetando e trazendo consequências, quando praticada, para esse estudo.

Sendo assim chegamos a um dos problemas da geografia a tal individualidade criada por alguns estudiosos da área.

Precisa-se entender que o espaço é o conceito chave da geografia. E os conceitos ou categorias de lugar, paisagem, território e região entram como meios de análise desse recorte maior, sendo complementares entre si.

Esse problema baseia-se na confusão muitas vezes criada pela própria ciência, como afirmava Milton Santos, 1996 em muitos dos seus estudos a geografia sofria e sofre com essa confusão epistemológica, por esquecer o seu objeto de estudo o Espaço. Por ser um problema ligado a epistemologia que decore entre séculos acaba passando para os professores em formação que conseqüentemente acaba chegando ao ensino sem compreender muito bem e acaba afetando na formação básica onde as categorias deveriam ser melhores trabalhadas.

Além desses problemas no seu âmago tem-se também as dificuldades no contexto do ensino como um geral. O ensino está ficando cada vez mais sem sentido e objetivo para os alunos. As aulas, muitas vezes são vista pelos mesmos, como sem valor algum.

Para o ensino da geografia então, é ainda mais questionável, pelos alunos, “O Porquê? E para que?” Daquela aula, o que chega a ser irônico, pois justamente o conteúdo escolar

responsável por fazer um estudo do espaço e desenvolver nos alunos o senso crítico para entender o “por quê, do onde?” Parece não conseguir atingir o seu objetivo mesmo ao final do ensino básico.

O professor tem como um dos deveres prender a atenção do aluno ou até mesmo conquista-lo quebrando a geografia mnemônica que mesmo com tantos avanços tecnológicos e mudanças, persiste até hoje no meio de ensino.

É então que se deve ter um olhar atencioso para as metodologias alternativas, a qual essa tem o objetivo de ajudar ao professor a ter uma melhor qualidade ao passar e construir o conhecimento com alunos. Santos e Chiapetti afirmam que:

“Para a construção do conhecimento, é necessária uma relação do sujeito aprendente com o seu objeto de conhecimento e, nesse sentido os professores devem ser os mediadores da aprendizagem. Não existem mais espaços para aulas centradas apenas no quadro-negro (ou branco) e no livro didático. Os professores devem lançar mão de outras ferramentas pedagógicas para tornar o ensino mais atraente e prazeroso e relacioná-lo ao dia-dia dos alunos. Assim, a utilização de recursos didático-pedagógicos alternativos, como as atividades lúdicas, constituem-se numa poderosa ferramenta, que permite trabalhar os conteúdos geográficos de modo crítico e criativo.” (Santos, R. C. E.; Chiapetti, R. J. N. 2011, p.168.)

Como é tratado nesse contexto a Geografia, o professor tem que buscar recursos metodológicos novos e que se encaixe dentro do conteúdo. É Papel do dele inovar o máximo nas suas aulas, para assim chamar a atenção do aluno que está cansado das mesmas aulas enfadonhas, aguçando sua curiosidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto escolhido para ser aplicado à turma é referente as Metodologias alternativas, com isso deu-se início através da aplicação de questionário com a turma - objeto de estudo - , afim de identificar o conhecimento que os alunos possuíam sobre o objeto de estudo da geografia.

O primeiro questionário, indicado pelas orientadoras, tinha como objetivo fazer uma sondagem para a verificação de aprendizagem, com perguntas como: Para que estudar geografia? Você gosta de estudar geografia? O que você entende por geografia? O que precisa melhorar nas aulas?

No qual 95% dos alunos mostraram confusão quanto o para que estudar geografia e qual o objetivo de estudo da mesma.

Partindo dessa prerrogativa, foram distribuídas ao longo do ano letivo, aulas expositivas e dialogadas sobre o conteúdo adequado para aquele ano letivo onde esse tem como base os conceitos de região e território e a aplicação/ identificação nas temáticas orientadas pelo livro didático da editora Moderna, Expedições Geográficas 2ª edição.

Ao longo das aulas foi aplicada atividades em sua maioria com questões abertas e sempre para serem entregues ao professor residente. Com intuito, de analisar as respostas do aluno, compreendendo assim, qual era o seu grau de entendimento do conteúdo. A partir dessas atividades sempre foram notados progressos dos alunos, mesmo que pequeno.

Contudo, faltava um aprofundamento uma maior participação do alunos na aula. Então o investimento foi em metodologia alternativas (a utilização de recursos didáticos) que obtenham a atenção do aluno como jogos e atividades complementares como as cruzadinhas, jogos de tabuleiro, reconhecimento pelo Google Earth dos espaços socializados por eles, dinâmicas em grupos sobre delimitação de área por poder ou características similares etc. Como exemplo de metodologias alternativas foi o jogo elaborado pelo residente, que consistia em dividir os alunos em cinco grupos com sete participantes cada (a partir de sorteio) e cada

grupo deveria acertar as perguntas feitas pelo aluno residente no tempo de 30 segundos. Essa dinâmica exigiu deles o domínio do conteúdo, interação e confiança no seu grupo, raciocínio crítico e imediato, a cada acerto ocupavam alguma área do tabuleiro exposto em sala.

Esse jogo teve um resultado animador, alunos que nunca tinham participado da aula, interagiram de maneira crucial e acertaram muitas perguntas mostrando assim que eles tinham conhecimento domínio do conteúdo. A vontade deles em vencer, de ficar em primeiro lugar, mostrou o quanto eles sabiam.

As perguntas eram aleatórias sobre todo conhecimento construindo em sala ao longo das aulas, ao mesmo tempo que tornava-se uma revisão para a avaliação bimestral costumeira. Foi então que surgiu outro questionamento, alunos que foram muito bem no jogo tiraram notas baixas erraram questões de mesma base vista no jogo, fazendo com que questionasse se eles sabiam mesmo o conteúdo. Então que se percebeu-se o problema, a falta de leitura. Alunos que não sabem ler, fazendo simulados com questões contextualizadas e de bom nível de interpretação. É aí que entra o questionamento, como exigir que um aluno tire notas boas se ele não sabe lê?

Partindo do pressuposto que o que vale é a qualidade e não quantidade, temos o resultado a falha nesse meio de avaliação, mostrando que eles não conseguem identificar o nível de entendimento e aprendizagem do aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das leituras realizadas e pesquisas colocadas em prática, percebe-se ainda a falha quanto ao modo como os conteúdos são repassados e a falta de tato do professores para com os alunos e as aulas. Mesmo sendo uma das atribuições já incluída nos Pcms e livros didáticos.

Não se pode deixar de pontuar que este é um tema trabalhado a décadas por professores/pesquisadores que se esforçaram para reverter esse quadro e que graças a eles muitas conquistas já foram alcançadas dentro do meio educacional. Entretanto, chega-se à conclusão que temas como esse são pontuados por eles a tempos e que ainda persistem como um problema tema de pesquisa atual, mostrando o quanto é demorado essas mudanças.

Em contra partida chega-se à conclusão de que é um problema com solução. Onde os critérios são um trabalho contínuo e bem elaborado, com metodologias que podem contribuir para construção do conhecimento e avanço do ensino. Mas, para se ter uma melhor resolução do problema o ideal seria a melhora em todo um conjunto, ou seja, em todo o ensino, partindo da academia. Para ser mais específica, a análise nos estágios, pois é a partir dali onde os professores universitários terão noção de que modelo de professores estão sendo formados.

**Palavras-chave:** Metodologia alternativas, Ensino básico, Residência, Formação de professores.

## REFERÊNCIAS

Adas, Melhem. **Expedições geográficas**. Melhem Adas, Sergio Andas. – 2.ed – São Paulo: Moderna, 2015.

BECKER, Elisabeth Leia Spode. **A Geografia e o método dialético**. VIDYA, v. 25, n. 2, p. 51-58, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007. ISSN 0104 - 270 X

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)  
Acessado em: 29/08/2019

PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acessado em: 29/08/2019

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, R. C. E.; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Vol. 15 n3. 2011

SOUZA, Marcelo Lopes de, 1963 – **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio – Espacial**. 4º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 320p.

MELO, Kelli Carvalho; MEDEIROS, Adriana Francisca de; SILVA, Adnilson de Almeida. Uma Linguagem Alternativa no Ensino Escolar: as histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia. **Ateliê Geográfico**. 1ª Edição. Goiânia-GO Vol. 7, 2013. 260-283p.